

## PALAVRA DO LEITOR

Dívida  
do Estado

É preocupante a notícia publicada na página 5, edição de 26/02/2019 do *Jornal do Comércio*. Ela diz que a dívida gaúcha atingiu 223% da receita em 2018. É o fim do poço, a falência das finanças estaduais. Se o governador Eduardo Leite (PSDB) conseguir pelo menos diminuí-la, fará um grande favor aos gaúchos. (Celso Marques Salazar)



## Servidores públicos

Os servidores públicos estaduais e municipais parecem não entender que tanto o governo do Estado quanto a prefeitura de Porto Alegre estão quebrados. E não é de hoje. As medidas anunciadas nas votações da Assembleia e da Câmara Municipal são duras, mas qual é mesmo a outra solução? (Ilda Fonseca)

## Havan em Pelotas

O diretor da Havan, Nilton Hang, manterá contato com o Sindicato dos Comerciantes de Pelotas. A ideia do grupo é construir um "power center" na cidade, um centro de compras com grandes operações. Será no mesmo modelo de Passo Fundo, onde foi instalada a primeira loja Havan no Rio Grande do Sul, contratando 160 funcionários. (Hélio Freitag, jornalista, Pelotas/RS)

## Riqueza

Não sejamos contra as riquezas; quando os ricos ficarem mais ricos, os pobres ficarão menos pobres. O zero não é divisível. (Sérgio Pasa, aposentado, Bento Gonçalves/RS)

## Inflação

Passagem de ônibus de Porto Alegre passa de R\$ 4,30 para R\$ 4,70; 9,30% de aumento; IPCA de 2018, 3,75%. Depois ainda tem gente que acredita na inflação fornecida pelo governo. Admiro-me que ainda existam empresas estrangeiras vindo investir no Brasil; vão perder bastante dinheiro quando o dólar corrigir a diferença entre a inflação maquiada e a real. (Rafael Alberti Cesa, Caxias do Sul/RS)

## Juros

Os juros bancários estão muito altos. Em alguns bancos, pago mais por mês do que a taxa Selic renunera em um ano, ou seja, 6,5%. Por isso, não surpreendem os lucros fabulosos que todos têm. (Mario Portugal, Porto Alegre)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 1900 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e de refletir as diversas tendências.

Assine a newsletter do JC e receba em primeira mão as notícias mais importantes para o seu dia. Acesse:

[Bit.ly/newsletterJC](https://bit.ly/newsletterJC)



## ARTIGOS

## Quanto vale uma vida na Vale?

Ingrid Birnfeld

Centenas de pessoas foram mortas pela Vale em Brumadinho, dentre as quais inúmeros trabalhadores da empresa. Trata-se do maior acidente-crime de trabalho da história do Brasil. Foram abatidas vidas, tragadas pela lama da negligência, da irresponsabilidade e da ganância do modelo econômico brasileiro, centrado na exportação e na financeirização da natureza e no desmonte da política de proteção ambiental. A tragédia reacende a discussão sobre a limitação trazida pela reforma trabalhista quanto às indenizações por dano moral. A nova lei incluiu na CLT artigos, e o mais perverso deles é o 223-G, que estabelece limites máximos, de acordo com o grau da lesão sofrida pelo trabalhador. Partindo do princípio de que tirar a vida de alguém é um dano de natureza gravíssima, as famílias dos trabalhadores mortos poderão obter na Justiça do Trabalho, se aplicada a nova previsão legal, a condenação da empresa a pagar indenização por dano moral no máximo de 50 salários contratuais. Mortos nas mesmas condições, trabalhadores que ganhavam salários maiores terão indeniza-

ções superiores às dos trabalhadores que ganhavam menos, uma violação dos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana e da igualdade.

Mas, para o mercado financeiro, acidentes podem ser um ótimo negócio. Após a queda de 24% no pregão seguinte à tragédia, as ações acumularam alta; sim, o mercado é experiente, aprendeu e deu certo com Mariana e não brinca em serviço: passados três anos da tragédia causada pela Samarco, as ações da empresa chegaram a se valorizar em 400%. Não será diferente agora. A certeza da morosidade da Justiça e da impunidade e o tabelamento pela reforma trabalhista permitem que os investidores acreditem na gestão de risco da empresa e nela continuem confiando. Sem falar no efeito midas. A Vale já declarou que irá refinar e vender os rejeitos das suas barragens. "Brazilian Blend Fines" é a marca do novo produto. Parece nome de bom uísque, mas não é. Se o leitor o encontrar por aí, considere nele investir. Vale muito, vale mais que muitas vidas. Mas para usufruir precisará ter dinheiro e continuar vivo.

Advogada e bacharel em Filosofia

## Mais além da dor

Montserrat Martins

A comoção com Brumadinho, com a dor das famílias, gera sentimentos de revolta com a falta de providências após a tragédia em Mariana, há três anos. Pela primeira vez houve prisões, agora, dos responsáveis técnicos pela barragem rompida, faltando investigar ainda as verbas destinadas pela direção da Vale a congressistas, para facilitar a aprovação de seus projetos. Somos solidários na dor, mas onde uma cultura do planejamento, da organização, da prevenção? Mais do que leis, um país é regido pelos hábitos de comportamento das pessoas. As Ciências Jurídicas e Sociais não reconhecem só leis e jurisprudência, mas também de "usos e costumes" - que parecem ser esse o "X da questão" no nosso caso. Começando desde a concepção do Brasil, como uma colônia fornecedora de matéria-prima, pois até hoje nossa economia gira em torno das "commodities", sem produtos com maior "valor agregado" - ou seja, seguimos nos mesmos moldes coloniais.

Nosso destino seria o "Terceiro Mundo"? Para a Coreia do Sul não foi, embora, na década de 70, estivesse no mesmo patamar econômico subdesenvolvido, hoje é um país com tecnologia de ponta, do qual importamos telefones Samsung e automóveis Hyundai. Fornecemos minérios baratos e recomparamos produtos industrializados, mais caros. O agronegócio e a mineração aqui predominam em moldes predatórios, carentes de maior tecnologia e sustentabilidade. A Holanda é a segunda maior agroexportadora do mundo, em termos financeiros, atrás dos EUA e à frente do Brasil, com um território 250 vezes menor (33 mil km<sup>2</sup>, contra nossos 8,5 milhões de km<sup>2</sup>) graças à tecnologia para produzir mais e menos espaço. Que a dor, causada pelo nosso atraso, exponha a falta de um projeto de país com ciência e tecnologia, com produtos com valor agregado e técnicas modernas de produção. Indo mais além da dor, que ela nos motive em direção ao futuro.

Psiquiatra

## Carnaval movimenta a economia

Antônio Carlos Côrtes

Para o Carnaval de 2019, estudos da Confederação Nacional do Comércio (CNC) projetam receita de serviços em São Paulo em torno de R\$ 1,9 bilhão.

Cifra 5,4% maior do que no ano anterior. Gerará 23,6 mil empregos. Guardando as proporções, isto se reflete em todo o País. O Carnaval é festa popular incorporada à cultura brasileira e deve contar apoio em Leis de Incentivo à Cultura. Frágil argumento de alguns gestores municipais quanto a outras necessidades e dificuldades econômico-financeiras que não têm o condão de acusar lesividade de atos. Até porque o repasse das verbas é opção político-administrativa. Logo, não ilegal. O Carnaval está no DNA da Nação. Por isso, o não incentivo dos poderes constituídos à sua execução se constitui em grave equívoco administrativo, político e cultural. Decisões contrárias ferem de morte a cultura e, aliam-se a repressão, especialmente ao que descendem dos escravizados. O Carnaval, ao contrário dos gestores provisórios das cidades, faz parte da história e do patrimônio cultu-

ral imaterial. Existe boa parcela da população que ama o Carnaval e uma minoria, a qual respeito, que não gosta. Cabe sim aos gestores das cidades administrarem pelo diálogo possíveis divergências. Ora, para dar alegria e cultura ao povo não é necessário o componente do lucro. O Carnaval de rua é válvula de escape para tensões por isto diminui a violência. Portanto, o lazer e entretenimento enfeixam a cultura. É na festa de rua que o povo busca estratégia para enfrentar os problemas da vida. É preciso que as pessoas percebam que a escola de samba é demonstração de cultura, às vezes a mais requintada.

Do ponto de vista da escultura, da apresentação, do colorido, da música, do balé, uma invenção e sua sublimação (Josué Montello). Carnaval não é mero evento, por isto não é folclore. Não morre nunca. Mundo às avessas. Ocupa espaço privilegiado na cultura nacional. Grupos se organizam, em nível local. É festa brasileira e não regional festejada em toda parte. Viva o bloco de rua e a Escola de Samba!

Escritor